

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

VIVIANE DA SILVA

**AFETIVIDADE: GRANDE ALIADA DA ESCOLA NO COMBATE À
INDISCIPLINA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2012

VIVIANE DA SILVA



**AFETIVIDADE: GRANDE ALIADA DA ESCOLA NO COMBATE À
INDISCIPLINA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientadora: Professora Esp. Kátia Cardoso Campos Simonetto

MEDIANEIRA
2012



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

Afetividade: Grande Aliada Da Escola No Combate à Indisciplina
Por
Viviane da Silva

Esta monografia foi apresentada às 21 horas e 30 minutos do dia 30 **de Novembro de 2012** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. Esp. Kátia Cardoso Campos Simonetto
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Professor João Enzio
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. M.Sc. Marlene magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira

Aos meus pais e ao meu esposo:
amigos verdadeiros, que apoiaram e me
fizeram capaz de vencer.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo milagre da vida, pelo sopro de esperança e pelos obstáculos que me fortaleceram.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, incentivo e compreensão pelos momentos que não pude estar presente.

Ao meu esposo, amigo compreensivo, que soube entender e valorizar meus estudos, respeitando meus horários de pesquisa e auxiliando-me nos afazeres;

À minha orientadora professora Esp. Kátia Cardoso Campos Simonetto, pilar dessa minha edificação, que sempre se mostrou disposta e interessada pelo que eu tinha para apresentar, mantendo-se de prontidão para sanar minhas dúvidas.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores, presenciais e a distância, que tanto nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação, demonstrando empenho, preocupação e carinho.

Por fim, registro meu agradecimento, sincero, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para realização desta monografia.

“A educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo.”

(PAULO FREIRE)

RESUMO

BATISTA, Viviane da Silva. **Afetividade: grande aliada da escola no combate à indisciplina**. 2012. 54. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

Este estudo procura discutir sobre a afetividade no combate à indisciplina escolar, e, portanto também à violência e à evasão escolar. Aborda a concepção de Henry Wallon. Baseia-se em artigos que relatam o assunto para completar o referencial teórico. O estudo parte do relacionamento existente entre educador e aluno, bem como a colaboração da família e da sociedade para o panorama em questão. Esta pesquisa busca conceituar os termos “indisciplina” e “afetividade”, evidenciando a relevância dos mesmos e da postura do professor para fazer da sala de aula um ambiente receptivo; além de propor uma reflexão sobre a importância da afetividade tanto no contexto escolar e social, quanto em relação ao desenvolvimento da criança. Diante disso, o objetivo geral é evidenciar os efeitos positivos de uma metodologia afetiva, incentivar a quebra de paradigmas e o desapego ao tradicionalismo; para tanto empregou-se então a pesquisa qualitativa, usando como técnicas a entrevista livre e questionário direcionado. Para coletar informações, o trabalho valeu-se de entrevista livre com os professores, possibilitando o diálogo de forma tranquila, na verdade tratou-se de uma conversa aberta e posteriormente aplicação de questionários direcionados tanto aos professores quanto aos alunos sobre o tema discutido. Concluiu que uma metodologia afetiva é um bom instrumento, de efeito duradouro, inibindo ou suavizando a indisciplina; atenuando possíveis conflitos, uma maneira eficaz de transformar a sala de aula em ambiente harmonioso, atrativo e produtivo, que favoreçam o sistema educacional e favoreça a aprendizagem, conforme deve ser.

Palavras-chave: Afetividade. Indisciplina. Evasão. Educação. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

BATISTA, Viviane da Silva. **Affection: great ally in combating school indiscipline.** 2012. 54. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

This study discusses about the affectivity in combating indiscipline in school, and therefore also the violence and truancy. Discusses the theories of Henry Wallon. So, to complete the theoretical this analyse is based on articles that report the matter. This study is about the relationship between educator and student, as well as the collaboration of family and society to the landscape in question. This research seeks to conceptualize the terms "indiscipline" and "affection", highlighting the relevance of these and too of the posture of the teacher to make the classroom a welcoming environment; propose a reflection on the importance of affectivity both within school context, as at social context and too in relation to child development. Thus, the general objective is to highlight the positive effects of an affective methodology, encourage the breaking of paradigms and detachment to traditionalism, for both were then employed qualitative research, which using techniques such as the free interview and questionnaire directed. To gather information, the work drew on free interviews with the teachers, allowing the peaceful dialogue, actually treated in an open conversation and later a questionnaires directed to both teachers and students on the topic discussed. Concluded that an affective methodology is a good instrument of lasting effect, inhibiting or softening indiscipline; mitigating possible conflicts, an effective way to transform the classroom into harmonious environment, attractive and productive, that favor the education system and promotes learning as should be.

Keywords: Affection. Indiscipline. Evasion. Education. Teaching. Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração: Comportamento Indisciplinado	18
Figura 2 – Ilustração: Educador Amedrontado Pela Indisciplina e Violência..	22
Figura 3 – Ilustração: Papel Do Educador.....	23
Figura 4 – Ilustração: Papel Da Família	24
Figura 5 – Ilustração: Falta De Estrutura Familiar	25
Figura 6 – Ilustração: Violência Gerada Pela Indisciplina	27
Figura 7 – Ilustração: Que A Educação Acontece Em Conjunto	32
Figura 8 – Localização Geográfica Do Município De Paranavaí	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 CONCEITUANDO AFETIVIDADE E INDISCIPLINA	13
2.1.1 Afetividade.....	13
2.1.2 Indisciplina.....	14
2.2 DISCUTINDO SOBRE METODOLOGIA AFETIVA	18
2.3 OBSTÁCULOS QUE SE OPÕEM À PEDAGOGIA AFETIVA	20
2.3.1 Preparação do Professor.....	20
2.4 AGENTES COMUNS NA CAUSA DA INDISCIPLINA ESCOLAR.....	23
2.5 AFETIVIDADE: INSTRUMENTO PARA SUAVIZAR A INDISCIPLINA	28
2.6 DESENVOLVER A AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	30
2.6.1 Papel do Educador dentro da Afetividadepa	32
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	35
3.1 LOCAL DA PESQUISA	35
3.2 TIPO DE PESQUISA E TÉCNICAS DA PESQUISA	36
3.3 COLETA DOS DADOS.....	38
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	38
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
4.1 VISÃO DO CORPO DOCENTE	41
4.2 VISÃO DO CORPO DISCENTE	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	51

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, um dos problemas mais constantes em que a educação esbarra é a indisciplina. Portanto, este é um assunto muito comum no ambiente escolar, e geralmente é definido como um agravante responsável pelo fracasso no processo de ensino. Todavia, quais medidas seriam realmente eficazes para combater e prevenir tal problema, de forma segura e duradoura?

A muito se discute sobre a melhor forma de ensinar, sobre recursos físicos, tecnológicos e didáticos que prendam a atenção do aluno e minimize a indisciplina. No entanto poucos métodos surtem o resultado almejado; então todo o processo de ensino e aprendizagem é comprometido. Como agir nesse caso? O que leva o aluno a ser indisciplinado? O que é indisciplina afinal?

Essas são algumas das indagações que emergem dessa problemática, e que serão abordadas ao longo desta pesquisa.

Partindo deste pressuposto, e buscando por medidas simples, esta pesquisa tem o propósito de discutir os principais fatores que ocasionam a indisciplina, bem como o uso da afetividade como agente erradicador, como complemento metodológico e a postura do educador diante deste panorama.

Buscando tal compreensão, é preciso considerar que a indisciplina pode ser gerada a partir não só de fatores internos, mas também externos à escola e que esta pesquisa vem, por conseguinte, firmar o entendimento do termo “indisciplina”, evidenciando que um dos grandes agentes contra tal pode simplesmente ser a afetividade, outro termo também explorado.

Optou-se por este assunto porque hoje a indisciplina é citada como uma grande vilã, quando na verdade pode estar sendo julgada e interpretada erroneamente. É fato que o aluno indisciplinado incomoda e atrapalha o desenvolvimento da aula e da aprendizagem, mas às vezes esta pode ser a forma que ele encontrou, inconscientemente, para demonstrar sua carência.

Assim, este estudo volta-se para a eficácia que a abordagem/metodologia afetiva exerce sobre a indisciplina, não só no âmbito escolar, mas também social.

Desejou-se, ao longo desta análise, demonstrar que é possível converter a sala de aula em um lugar agradável, calmo e passivo ao relacionamento, ao respeito mútuo, ao diálogo e a compreensão.

Logo, a mesma se justifica pela necessidade atual em discutir tal assunto, incentivando o uso da afetividade não apenas nas escolas, mas no meio social, uma vez que ensinar a amar e respeitar o próximo não é dever exclusivo da escola; tal prática deve ser motivada e desempenhada dentro e fora dos muros das instituições escolares, seja para promover o ensino ou para se firmar como cidadão perante a sociedade.

Para tanto, é preciso, antes de qualquer coisa, estabelecer os objetivos desejados, tais como, conceituar os termos “indisciplina” e “afetividade”, evidenciando a relevância dos mesmos e da postura do professor para fazer da sala de aula um ambiente receptivo; além de propor uma reflexão sobre a importância da afetividade tanto no contexto escolar e social, quanto em relação ao desenvolvimento da criança. Assim, o objetivo geral é evidenciar os efeitos positivos de uma metodologia afetiva, incentivar a quebra de paradigmas e o desapego ao tradicionalismo. Por fim, este estudo se norteia por objetivos simples, como por exemplo, entender como a afetividade pode ser aplicada no âmbito escolar, constatar que a mesma pode ser um excelente instrumento educacional para inibir ou suavizar a indisciplina e a evasão escolar; discutir sobre a influência da família em relação a este contexto e compreender como a afetividade contribui para o progresso do ensino e principalmente da aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITUANDO AFETIVIDADE E INDISCIPLINA

2.1.1 Afetividade

Na obra de Wallon, segundo Galvão (1999:61) a definição de afeto e afetividade se dão da seguinte forma:

“As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.”

Henri Wallon (1879-1962) define a afetividade como um dos conjuntos funcionais da pessoa que atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento, assim segundo ele, o termo afetividade se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas.

Em outras palavras a afetividade compreende os sentimentos e as emoções e reflete na nossa capacidade de experimentar o mundo subjetivamente, determinando nossas atitudes diante de nossas vivências e experiências, promovendo assim impulsos que podem nos motivar ou nos inibir.

Enquanto isto, o termo afeto pode ser entendido como elementos que experimentamos a partir das nossas emoções como amor, raiva, felicidade, tristeza e vários outros. O Afeto seria, portanto, fruto da afetividade, parte essencial.

Os subsídios deixados por Wallon, ajudam-nos a perceber que os laços afetivos, quer no ambiente escolar, familiar ou social como um todo, influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Assim a maneira de ensinar é considerada tão importante quanto ao conteúdo a ser ensinado, ou seja, a relação entre professor e aluno passa a ser intensificada,

e os aspectos emocionais e a comunicação passam a ser ferramentas para o processo de construção do conhecimento. Desta forma, a afetividade se dá a partir do conhecimento construído através da vivência.

É diante de definições e discussões como estas que este estudo se firma, elucidando o potencial da afetividade no sistema de aprendizagem e na inibição a indisciplina escolar.

2.1.2 Indisciplina

Para definir o termo *indisciplina*, valemo-nos do dicionário elaborado por Ferreira (2008), que traz o mesmo como um procedimento, ato ou dito contrário à *disciplina*. Como complementando, o autor define a palavra *disciplina* como: regime de ordem imposta ou mesmo consentida; ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização; relações de subordinação do aluno ao mestre; submissão a um regulamento, etc.

Para analisar tais definições, podemos partir do pressuposto que alguns professores, adeptos ao tradicionalismo, associam o ato de disciplinar com um conjunto de regras que devem ser mantidas e cumpridas para evitar comportamentos inadequados à aprendizagem. Para estes, a disciplina acaba simplesmente sendo um instrumento que garante o silêncio durante as atividades, a organização da sala de aula e da escola e a passividade dos alunos em acatar o que lhes é imposto. Vejamos algumas definições coletadas durante uma entrevista com professores:

“É uma certa ordem que temos que ter dentro da sala e na vida também. Sem isso não dá para fazer nada. Ordem em termos de comportamento e organização. “É um conjunto de atitudes que o aluno tem, que inclui sua relação com o professor e os colegas e seu interesse pelas atividades. A disciplina do escolar tem a ver com a sua conduta pessoal e com a organização dos trabalhos” (MENDES, 2008, p. 139).

Podemos dizer, portanto, que indisciplinado é aquele que “possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita sancionada

em termos escolares e sociais”. Esses desvios são responsáveis por afetar o bom andamento das aulas, agressividade e violência.

No entanto, mesmo que geralmente a indisciplina seja vista como forma de ruptura violenta com a ordem estabelecida, não devemos atribuir a ela apenas negatividade. O aluno que muda seu comportamento pode estar querendo protestar, conscientemente ou não, pode almejar renovação das práticas instituídas e regras estabelecidas; pode estar querendo evidenciar que algo está errado, que está insatisfeito com o sistema ou que precisa de apoio especializado, ao invés de querer simplesmente irritar o professor e chamar atenção para si.

Outros profissionais da educação enxergam a indisciplina por um ângulo pessimista, e assim o termo “disciplinar” acaba sendo confundido com os termos “oprimir” e “castigar”; o problema maior é que usando da força opressora o professor acaba então interrompendo o desenvolvimento e a criatividade de seu aluno. Na visão de Moresco & Silva, a escola generaliza o contexto e não se atem às particularidades de seus alunos.

“A disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao ordenamento, ajustamento e controle desejados de cada aluno e da classe como um todo.” (MORESCO e SILVA, 2003, p. 10, citado por NUNES, 2003).

A Escola Nova, representada por Dewey, Decroly, Montessori dentre outros, rejeitando este quadro, conferiu ao docente “a responsabilidade de agir como mediador da aprendizagem e, sobretudo, alguém capaz de promover a autonomia e responsabilidade dos educandos” (ESTRELA, 1992).

No entanto, existem também educadores conscientes de sua importância no processo de ensino, que lançam um olhar construtivista para o ato de disciplinar. Em defesa dessa visão Parrat-Dyan (2008, p. 8) diz que:

“A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm conseqüências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não entende o que é” (PARRAT-DYAN, 2008, p. 8).

Koff e Pereira (1999, p. 149) também destacam aspectos positivos sobre a disciplina atrelada aos princípios de participação e cooperação e, assim tentam desmistificar a negatividade imposta à expressão:

“(…) a disciplina não pode mais ser encarada, unicamente, como manutenção da ordem, através da obediência a regras preestabelecidas. É claro que esta “nova escola” deve superar a visão disseminada pela literatura clássica, onde o que importa é a moldagem do comportamento e o estabelecimento de atitudes aceitáveis. É imprescindível a existência de padrões de comportamento adequados à vida em grupo, mas é fundamental reconhecê-los culturais e passíveis de revisão. Uma dada situação pode exigir atitudes consideradas indisciplinadas em outros contextos. Do mesmo modo que, muitas vezes, reagir obedientemente representa abandonar a construção de ações originais e criativas” (KOFF e PEREIRA, 1999, p. 149).

Como observamos, as práticas disciplinares são flexíveis e por isso modificam-se com o tempo, vão desde um “conceito de disciplina compreendida como conformidade exterior às regras e aos costumes”, transpondo “um estágio em que é compreendida como conformidade simultaneamente exterior e interior” e chegando a “uma concepção que valoriza, sobretudo, a interioridade e o engajamento livre do indivíduo” (ESTRELA, 1992, p.18)

O conceito de indisciplina não é tão simples como aparenta, visto que não se restringe à dimensão comportamental. Mas como definir o termo “indisciplina”?

A indisciplina caracteriza-se então pelo desrespeito ou repúdio aos acordos estabelecidos, do não cumprimento de normas que regem a conduta individual ou coletiva;

“Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social — a família, a escola, a sociedade como um todo” (LA TAILLE, 1994, p. 9).

Muito se debateu sobre o assunto, por tanto é possível encontrar inúmeras definições sobre o mesmo, vejamos algumas:

Amado (1998, p. 32) refere-se à indisciplina como sendo “um fenômeno relacional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que presidem,

orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula, e, ainda, o convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade.”

Visando a individualidade de cada aluno, Delgado e Caeiro (2005, p. 16) apresentam a indisciplina como “um problema da prática quotidiana onde cada caso é um caso específico e, assim sendo, torna-se difícil de definir modelos de atuação generalizáveis que evitem ou regulem eficazmente cada acontecimento”. Nesta perspectiva, sugere-se que cada caso seja analisado individualmente, evitando as generalizações.

Por outro lado, Garcia (1999, p. 105) entende que “o ‘bom comportamento’ nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas adaptação aos esquemas da escola, simples conformidade ou mesmo apatia diante das circunstâncias”, ou seja, o ‘bom comportamento’ não significa que o aluno é realmente disciplinado e está evoluindo, pois o mesmo pode apresentar problemas de indisciplina fora da sala de aula, ou de forma que o professor não perceba.

Já para Estrela (1992, p. 17) a indisciplina pode ser conceituada como negação da disciplina, ou como “desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo”:

“é, sobretudo o professor que produz e comunica normas sociais que julga necessárias para exercer sua ação pedagógica, e assim prescreve determinadas posturas e regras a serem aceitas, muitas vezes sem a devida discussão com os alunos, e sem que aquelas atendam suas expectativas e necessidades.” (ESTRELA, 1995, p. 65)

Em síntese, a indisciplina tornou-se um dos principais problemas apontados pelos professores, e de maneira geral dificulta o ensino, provoca evasão escolar e desgasta o corpo docente. A Figura 1 ilustra uma situação de comportamento indisciplinado em sala:



Figura 1 – Ilustração de Comportamento Indisciplinado

Fonte: 100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br, 2012.

2.2 DISCUTINDO SOBRE METODOLOGIA AFETIVA

Definidos os termos indisciplina e afetividade, resta-nos refletir sobre a importância da afetividade no ensino, o quanto a mesma pode colaborar para com o desenvolvimento de nossos alunos, todavia, para tanto é preciso que práticas pedagógicas cooperativas, participativas, construtivistas e reflexivas sejam adotadas, e que os trabalhos educativos passem a ser elaborados com base no conteúdo sim, mas priorizando também a afetividade.

A afetividade não deve ser vista apenas como um instrumento que estreite a relação professor-aluno, mas como uma ferramenta que inibe a indisciplina e minimiza a evasão escolar.

Está comprovado que uma metodologia afetiva contribui para uma aprendizagem mais dinâmica, divertida, harmoniosa e por isso eficaz; mas qual o papel do educador nesse panorama afetivo?

O educador, como facilitador que é, deve propiciar aos seus alunos oportunidades de desenvolvimento, no entanto, sempre impondo limites, frisando o respeito e a educação; enquanto isso cabe ao educando aceitar e abraçar essas oportunidades e se dedicar às experiências ofertadas pelo professor.

Visando o aspecto afetivo, o professor precisa ensinar permitindo que o aluno interaja no momento da explicação, intervindo com dúvidas, sugestões, opiniões, pois, está é uma das formas de fazê-los sentir-se importante, digno de atenção. De

acordo com Antunes (2005, p. 114) “ensinamos uma criança a escutar para que ela extraia maior emoção e beleza de seu entorno, para que viva mais plenamente, para que coloque esse notável recurso cerebral a serviço da beleza e do encantamento, da fantasia e dos sonhos.”

O relacionamento baseado na afetividade é harmonioso e bem mais produtivo, pois, evita confrontos, balburdia e a indisciplina de uma forma geral. Quando o aluno passa a ser tratado com respeito e carinho ele começa a retribuir o afeto, passa a enxergar o professor como aliado e não como um carrasco que lhe rouba as horas de lazer e diversão para enfurná-lo dentro de uma sala de aula. No entanto é preciso que o professor mantenha uma postura firme, correta, servindo assim como referencial ao aluno. A partir do momento que o aluno percebe sua importância, percebe que suas opiniões são acatadas e valorizadas ele cresce, amadurece e aos poucos adota uma postura mais consciente em relação ao professor, e conseqüentemente ao ambiente escolar como um todo.

É através da convivência afetiva que o professor estabelece este vínculo com seu aluno, facilitando a construção do conhecimento e tornando a relação menos conflitante na medida em que um vai conhecendo o outro, na medida em que o professor consegue ver a criança perdida e confusa por trás do aluno e o aluno o amor pela profissão por trás do professor. A afetividade não propõe que professor e aluno estreitem os laços da intimidade, de forma alguma; o propósito é que por meio da afetividade o professor possa atingir seus objetivos educacionais, sempre impondo limites e respeito.

Analisando o assunto sob a ótica da prática educativa, o que se pretende com a afetividade é inserir no currículo escolar uma temática, uma consciência mais humanitária, mais flexível e atenciosa, que busque resgatar o aluno ao invés de rotulá-lo por seu comportamento e deixá-lo a mercê do conselho de classe, atingindo assim de forma concreta e precisa os objetivos pedagógicos, e, principalmente, construindo uma proposta que admita os sentimentos do aluno (permitindo que o mesmo os exprima) como objeto de conhecimento, promovendo uma intertextualidade entre as disciplinas.

Promover a afetividade não é tarefa simples, a equipe pedagógica e os professores precisam estar entrosados; não seria exagero afirmar que, para alcançar o sucesso todos precisam trabalhar em prol dessa idéia, adotando nova postura,

sendo mais paciente e tolerante, trazendo a afetividade para sua política de vida e não apenas vendo-a como uma “carta na manga” para acalmar os alunos;

Dessa forma a afetividade não pode ser vista apenas como proposta extracurricular, e sim como uma das principais finalidades da educação, juntamente é claro com a promoção do ensino, visto que da mesma forma que o aluno levará para a vida aquilo que aprendeu na escola, levará por certo, além da bagagem de conhecimento teórico e prático, um caráter humanitário, coerente, sensível ao próximo, dotado de respeito e compreensão. Em suma, menos um marginal nas ruas, uma família a menos chorando a perda dos seus para as drogas;

2.3 OBSTÁCULOS QUE SE OPÕEM À PEDAGOGIA AFETIVA

2.3.1 Preparação do professor

Embora a afetividade tenha conquistado muitos adeptos, luta contra três grandes obstáculos: o tradicionalismo embriagado no autoritarismo, o currículo escolar, que precisa ser adaptado e a preparação precária dos educadores.

Se por um lado a metodologia afetiva contribui com o desenvolvimento e com um relacionamento saudável no ambiente escolar, por outro também enfrenta barreiras para se estabelecer. Construir e pôr em prática um sistema educativo que busque resgatar o aluno e rompa a concepção tradicionalista é sem dúvidas um desafio. Mas é necessário perseverança, e lembrar que o ser humano precisa de afetividade para evoluir, no entanto é no mínimo um desafio conciliar o lado afetivo e racional, ainda mais colocando por terra o tradicionalismo; conforme Arantes (2003) “a articulação entre os aspectos cognitivos e afetivos no funcionamento psíquico humano, é sem dúvida, uma tarefa difícil e complexa”

Contudo, uma das maiores dificuldades, perante o contexto, é conseguir elaborar as práticas e os currículos escolares de maneira que atendam essas necessidades.

Além do mais, o tema afetividade precisa ser inserido no currículo para torná-lo mais contextualizado, mais palpável ao aluno. Dessa forma, qual a relevância então afetividade no processo educativo?

A relevância da afetividade no processo educativo está explícita na necessidade que temos de, Segundo Arantes (2003) “incorporar ao cotidiano escolar um trabalho sistematizado com sentimentos, rompendo assim as concepções educacionais que fragmentam o campo científico e cotidiano do conhecimento, e as vertentes racionais e emocionais do pensamento”. Bem como tornar o professor mais consciente de seus sentimentos e estado emocional, a fim de que este sempre demonstre equilíbrio e possa exercer seu papel com mérito.

Além do mais, uma escola que adote a afetividade, certamente, se transforma em um ambiente mais convidativo, mais calmo e feliz, pois passa a compreender melhor os seus possíveis problemas e torna-se capaz de propor estratégias inovadoras e eficazes. Uma escola afetiva passa a estabelecer uma relação baseada na generosidade e a solidariedade não apenas com seu quadro de funcionários e alunos, mas também com a comunidade.

É válido frisar que a cidadania e o conhecimento não provêm de relações conturbadas, autoritárias e tradicionalistas que buscar apenas transmitir, mecanicamente, o conteúdo. Os tempos são outros, e avançam desenfreados, o que a escola oferece para os alunos? Uma imagem de “prisão”, um lugar onde o aluno precisa chegar no horário, sentar-se e assistir as aulas como um robzinho? Ou onde o aluno extrapola para ir contra o sistema, para chamar a atenção, para mostrar que tem algo errado e é taxado de indisciplinado?

Não, a escola não deve ser vista dessa forma, por isso os conteúdos devem ser contextualizados de acordo com a vivência dos alunos, relacionados diretamente às emoções e a valores sociais, visando provocar a interação, a socialização, o respeito mútuo e o conhecimento.

Se a escola promover a preparação do professor, sendo assim capaz de adotar um projeto permanente de afetividade e construir um ambiente propício a esta contextualização mencionada, certamente trazer o aluno para o conteúdo, envolvê-lo, aguçar sua curiosidade será tarefa bem mais fácil e agradável, será tarefa que no final apresentará resultados reais. Na Figura 2, pode-se observar uma cena de violência contra um professor.



Figura 2 – Ilustração: Educador Amedrontado pela Indisciplina e Violência
Fonte: 100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br, 2012.

O educador precisa estar consciente de seu papel, de seu compromisso com a educação, de suas responsabilidades, deveres e direitos; e assim buscar orientação, capacitação para desempenhar seu trabalho satisfatoriamente, alcançando os resultados positivos. Cabe a escola promover essa capacitação, mas não aquelas em que se reúnem o corpo docente e se organizam palestras cansativas e além do diploma não sobra vestígio algum dali alguns meses.

A escola precisa promover uma capacitação prática, voltada para as suas próprias necessidades, precisa, em conjunto com os educadores, discutir como envolver o aluno, como parar esse círculo vicioso da indisciplina, como estabelecer laços afetivos, como preparar e aplicar aulas norteadas pela afetividade, embasadas na realidade do aluno, e não simplesmente debater sobre os índices do IDEB.

Se o trabalho for bem feito, o índice do IDEB será motivo de orgulho, mas orgulho verdadeiro, conquistado através do trabalho e dedicação da escola, e não um falso orgulho, maquiado, disfarçado para camuflar o nosso vergonhoso desastre escolar.

Existem professores ótimos, que sabem como lecionar, sabem como cativar e promover o ensino, mas a maioria se preocupa mais em clamar por reconhecimento e ajuste salarial;

Antes de tudo isso, o professor precisa se auto-valorizar, exercer sua função da forma que tem que ser, adotar uma metodologia apoiada em valores significativos para seus alunos, passar a investigar a realidade deles, trabalhando as atividades

programadas partindo disso, do mundo do aluno, respeitando seus limites e ajudando-os a superá-los.

Ser professor nunca foi tarefa fácil, quando se é professor o maior objetivo é ajudar o aluno, mediar o conhecimento, permitir que o aluno projete o que aprende na escola na sua vida, abrir horizontes, conforme ilustra a figura 3.

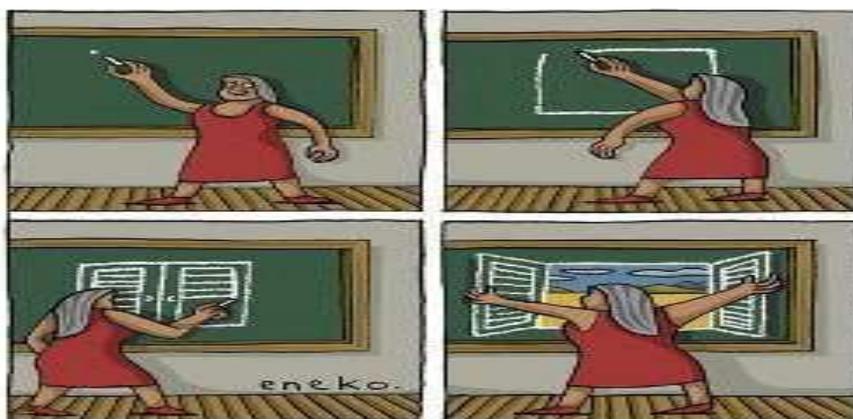


Figura 3 – Ilustração: Papel do Educador

Fonte: 100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br, 2012.

2.4 AGENTES COMUNS NA CAUSA DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Ao falar em Indisciplina escolar, precisamos ter em mente que a mesma não se dá devido a uma causa específica, e muito menos principal. São vários os fatores que desencadeiam esse tipo de comportamento nos alunos.

Podemos, no entanto, apontar as causas mais comuns que contribuem para que a indisciplina se instale no ambiente escolar.

Não podemos negar, portanto, que a relação professor-aluno, a estrutura familiar, os grupos que se formam durante as aulas, conhecidos popularmente como “panelinhas”, os programas, os regulamentos disciplinares, a sociedade e até mesmo a própria escola.

Sendo a família base de todo o processo de construção da identidade, influencia drasticamente no comportamento dos alunos. Ou seja, tudo o que acontece no ambiente familiar é refletido na escola; portanto a participação familiar é fundamenta; a Figura retrata bem esta questão.



Figura 4 – Ilustração: Papel da Família

Fonte: 100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br, 2012.

Quando a família está desestruturada a criança ou adolescente passa a manifestar comportamento também desajustado. Toda essa modernidade em que vivemos trouxe também uma inversão de valores, pois atualmente a família não se preocupa mais em realmente educar suas crianças; essa tarefa passou a muito ser cobrada do professor, que é claro não tem condições para tal feito.

A família deixou de estabelecer limites, de transmitir conceitos e valores, permitindo que os seus cresçam orientados pela mídia, pelo consumismo, que sejam envolvidos pelos entorpecentes, álcool e violência. Não é exagero, pois a indisciplina não fica restrita apenas aos ambientes familiar e escolar, evolui, agrava, respinga no caráter, na personalidade, na postura social e na vida do aluno. Segundo o Psicólogo Eron Ribeiro, “muitas crianças têm uma criação familiar totalmente autoritária, estão acostumadas a serem surradas e a receberem severos castigos, por esta razão não conseguem viver em ambiente democrático.” A Figura 5 caracteriza uma situação de violência, evidenciando a falta d estrutura familiar

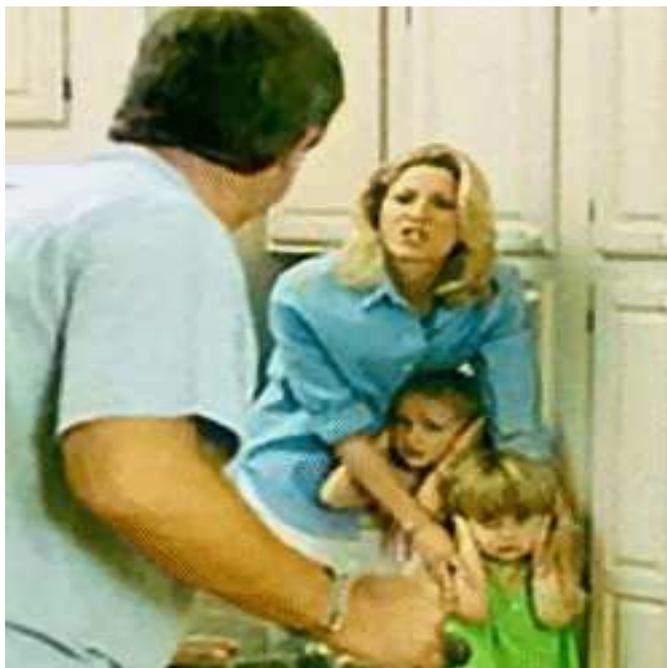


Figura 5 – Ilustração: Falta de Estrutura Familiar

Fonte: <http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>, 2012.

Embora o núcleo familiar tenha sofrido modificações, fugindo um tanto do tradicionalismo, de forma geral, os pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes não sabem dosar a liberdade e os limites, não os ensinam a ouvir “não”, ou não dão devida atenção e carinho ou os mimam em demasia. Quando a base familiar não é sólida, os alunos têm dificuldades de cumprir obrigações, não têm incentivo, se tornam carentes de afeto e respeito, encontrando na agressividade e na indisciplina uma defesa:

“No mundo capitalista e individualista em que vivemos, onde pais precisam se dedicar intensamente ao trabalho, a instituição familiar virou algo sem importância. A preocupação maior está focada nas grandes guerras, nas violências urbanas, na realidade econômica; o interesse maior está no avanço da tecnologia, no acúmulo de riquezas ou, então, na sobrevivência. Esta é a realidade do mundo que está sufocando pais, levando-os, em sua maioria, à ausência familiar” (BEHENCK, 2004, p.23).

Assim como a família, o Ministério da Educação, bem como os programas e regulamentos disciplinares, a escola e os professores também colaboram para esta problemática; pois mesmo diante das várias tentativas, o Estado não encontrou uma forma eficaz e permanente de agir contra a indisciplina, além do mais os programas apresentados não cativam o aluno, causam sim algum impacto, porém momentâneo.

“É comum ouvir de pais o seguinte desabafo: “Já não sei mais o que eu faço com o meu filho: não tem jeito de aprender. Já mudei de escola três vezes, foi feito exame neurológico, não apresentou nada de anormal, tem acompanhamento com professora particular e vai repetir o ano novamente. Só pode ser preguiça; não tem outra explicação; ele é muito preguiçoso”. Dificilmente os pais assumem alguma responsabilidade pelo fracasso escolar do filho, muitas vezes, por desconhecerem a importância do seu papel quanto à afetividade dentro da instituição familiar.” (BEHENCK, 2004, p.23).

Todas essas vertentes desaguam nas escolas, que muitas vezes despreparadas, não são capazes de absorver tal problemática. Neste ponto, a responsabilidade recai sobre os ombros do corpo docente, que por sua vez, nem sempre sabem como lidar com a situação, e acabam tratando os alunos que se encaixam neste perfil de maneira aspera e até mesmo autoritária.

Isso não quer dizer que a culpa é todo do professor, não. Quer dizer que tanto o Estado, quanto a família, a escola, os professores e a sociedade de forma geral, ainda não sabem ao certo como prevenir, suavizar ou erradicar a indisciplina, não estão aptos para resolver este tipo de conflito que tanto atrapalha a aprendizagem, desvia o foco do sistema de ensino.

Por fim, se todo o meio educacional encontra dificuldades para ajustar este panorama, o aluno se sente desmotivado, perdido, e é justamente essa falta de interesse que abre brecha para o mau comportamento. O aluno passa então a desrespeitar o professor, desacatar, transgredir regras, danificar patrimônio da escola, e até mesmo agredir verbal e fisicamente o professor e colegas, conforme a Figura 6 ilustra.



Figura 6 – Ilustração: Violência Gerada pela Indisciplina

Fonte: 100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br, 2012.

O educador precisa se posicionar e se impor, respeitando seu aluno é claro, mas evidenciando que a escola é um ambiente voltado para a formação educacional e não está disposta a ceder as vontades e caprichos; o aluno precisa aprender a lidar com as frustrações e contrariedades, isso faz parte da vida. Se os limites forem estabelecidos e enraizados esse aluno amadurecerá e passará a enfrentar as negativas e aceitar suas responsabilidades, construindo de fato uma postura coerente e cidadã.

Para o especialista em psicologia moral, Yves de La Taille, compete:

“Lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações inter-pessoais, e diálogo franco entre olhares éticos”. (TAILLE, 2003, p. 23)

O aluno, muitas vezes não consegue compreender o conteúdo, mas compreende seus direitos e os cita com audácia e louvor, praticamente intimidando o educador e a escola. No entanto, seus deveres e as normas de relações inter-pessoais, lhe parece mais uma equação de segundo grau: a compreensão é possível, no entanto a falta de interesse para a resolução prevalece.

É justamente neste ponto que a indisciplina se instala, o comportamento sofre alterações mediante a negação da disciplina, mediante a negação do dever de cidadão.

É evidente que a criança e o adolescente têm seus direitos garantidos por lei, mas é preciso chamá-los também aos seus deveres; cabe à família e à escola desempenhar este papel, intermediar e ajudar o aluno a perceber e aceitar que normas, limites, responsabilidades e obrigações fazem parte de sua formação educacional, pessoal, profissional e social. Por fim, direcionando o aluno, ajudando-o a superar essa fase conturbada, a escola estará também formando sua personalidade e garantindo-lhe a cidadania.

2.5 A AFETIVIDADE: INSTRUMENTO PARA SUAVIZAR A INDISCIPLINA

Infelizmente é comum justificar o fracasso escolar apontando os problemas do aluno; não estariam os educadores se isentando, em certa medida, de suas responsabilidades e maquiando sua ação profissional?

Ao rotular o aluno considerado indisciplinado como um estorvo ao trabalho pedagógico, e muitas vezes desistindo dele, o educador não se atem a uma questão muito importante: é maravilhoso sim orgulhar-se e vangloriar o bom aluno, no entanto é preciso, árduo sim, mas também magnífico lapidar e colaborar com a edificação do aluno-problema. Aí está uma dádiva desta profissão.

Embora a maioria prefira classificar, desprezar ou castigar os tais "alunos-problema", na verdade eles podem ser vistos como uma oportunidade para que a ação docente se consolide, seria como uma espécie de exercício, em que o educador colocaria a sua formação, experiência e metodologia à prova, no resgate desse aluno.

Mas essa oportunidade acaba sendo muito trabalhosa e são poucos que se comprometem de fato com esta visão e principalmente tomam atitudes para reverter o quadro. Mas que atitude poderia ser capaz de ***inibir ou suavizar a indisciplina?***

A afetividade, a metodologia afetiva, o respeito, a participação familiar no contexto escolar, a motivação e a preparação profissional compõem a resposta para tal questão.

Tudo parte da afetividade e vai de encontro com a necessidade de cada caso, mas o principal instrumento é sem dúvida a afetividade juntamente com o empenho e persistência do educador.

Para tanto, o educador precisa ter uma formação sólida, precisa ser capacitado para saber administrar os conflitos dentro do ambiente escolar e assim ser uma espécie de erradicador da indisciplina e propagador da afetividade, mas de forma natural, sem obrigar o aluno aderir à afetividade e sim conquistando-o, interagindo com o mesmo.

Embora no papel seja tudo tão perfeito e não se pode negar a nossa realidade, o professor está desgastado física e psicologicamente, vê na falta de reconhecimento e valorização de seu trabalho as causas da depressão, da ansiedade, e acaba doente, afastado.

A indisciplina se alastrou pelas escolas, tal como uma erva daninha, assim os argumentos usados pela Dulcelena da Costa Villela, Pedagoga e aluna do curso de Pós Graduação em Psicopedagogia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Campus de Engenheiro Coelho, ilustra muito bem:

“Os altos níveis de indisciplina vivenciados em sala de aula e conhecidos através dos diversos veículos de comunicação vêm tomando proporções que, além de prejudicar a aprendizagem estão influenciando na saúde física e mental de educando e educadores. O aluno indisciplinado, geralmente, não realiza as atividades propostas, não demonstra interesse, procura dispersar a sala através de seu comportamento e sempre consegue chamar a atenção dos demais.” (DULCELENA DA COSTA VILLELA)

Ela afirma ainda o que “Na maioria dos casos o professor não tem controle sobre a classe e não conseguem solucionar ou sair de situações criadas. Irritado e estressado, esse professor costuma se afastar do trabalho e o fracasso das aulas é atribuído somente ao aluno.” .Ou seja, o professor acaba se eximindo da culpa e de

suas responsabilidades enquanto professor. Dulcelena caracteriza ainda as ações mais comuns do aluno indisciplinado:

“o aluno indisciplinado costuma, andar constantemente pela sala, danificar material dos colegas, jogar materiais nos colegas e pelas janelas, conversar em tom de voz alta, principalmente com quem está fora de sala. Usa ainda de agressão verbal e física, gosta de provocar, sempre diz o que irá fazer, rasga e joga muitos papéis, além de gostar de narrar acontecimentos e se colocar sempre acima dos demais.” (DULCELENA DA COSTA VILLELA)

Quando a situação atinge esse ponto crítico, a indisciplina pode acarretar a violência, e então o quadro piora; mas ainda assim o educador, o diretor, a pedagoga, os funcionários da biblioteca, da limpeza, da segurança, todos podem colaborar com o resgate desses alunos, mas de que forma?

Simple, dando-lhes atenção, respeitando suas opiniões, dando-lhes vez e voz. É aí que entra então a afetividade, pois não se pode confrontar um aluno com a mesma “arma” dele, sendo o professor um ser mais instruído e experiente cabe a ele contornar a situação e mostrar ao aluno que tanto ele, quanto a escola não são seus inimigos e sim aliados.

Quando a escola adota uma política e afetiva, cedo ou tarde o aluno entenderá a sua importância dentro desse ambiente e passará a integrá-lo como peça chave.

Por fim, baseado nessa linha de raciocínio é possível sim que a afetividade suavize ou até mesmo extermine a indisciplina e os problemas trazidos por ela.

2.6 DESENVOLVER A AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Muito se discute sobre metodologia afetiva, mas a pergunta que paira é como fazer isso, como desenvolver e propiciar a afetividade no ambiente escolar?

A iniciativa deve partir do professor, este precisa aprender a dosar sua autoridade, promovendo assim um ambiente de respeito, terreno fértil para a apresentação de idéias, desenvolvimento de experiências, sempre valorizando aquilo que o aluno já sabe, motivando a participação e elogiando o aluno, pois todos nós gostamos de receber elogios, isso nos fortalece, nos dá animo para prosseguir e

massageia a nossa auto-estima, pois segundo a especialista em psicopedagogia Denise Berenice Behenck:

“A baixa auto-estima pode ter efeitos devastadores em todos os aspectos da vida da criança. É o sentimento de frustração e desesperança que freqüentemente acompanha o fracasso da alfabetização e da aprendizagem escolar como um todo e vai deixando rastro negativo no decorrer de sua vida, dentro e fora da escola.” (BEHENCK, 2004)

Segundo a pedagoga Lídia Maria Kroth, o educador deve entender que para criar um ambiente afetivamente saudável e livre da indisciplina é preciso:

*Criar um espaço de confiança em que o aluno possa questionar e discutir suas dúvidas relacionadas aos temas abordados.

•Salientar todos os aspectos positivos e significativos do educando, para que vivencie descobertas e valorize a escola, os professores e o grupo a que pertence.

•Propiciar momentos de reflexão sobre o modo de interagir na comunidade escolar.

•Conscientizar e comprometer o aluno da importância de uma boa convivência com todos.

•Salientar a importância da vida escolar, como propulsor para formação de um vínculo prazeroso com o aprender e a escola de um modo geral. •Criar no grupo um clima de abertura e acolhida para um diálogo sincero sobre as dificuldades encontradas.

•Reconhecer a importância dos seguintes valores: amizade, respeito, confiança, amor... em nossa vida, a fim de estabelecer uma melhor relação de convivência. (KROTH, 2006)

Assim, a partir do momento que o educador aceita seu aluno, assume o compromisso de lapidá-lo. Eis que a afetividade é a ferramenta que tal serviço exige.

Está comprovado que o vínculo afetivo resolve os conflitos de indisciplina, apaziguando os ânimos de forma duradoura e muitas vezes definitiva, estreitando dessa forma a relação ente professor x aluno x aluno, e todo esse processo ocasiona uma aprendizagem mais dinâmica e harmônica, menos conturbada, desgastante e mais interessante, participativa, construtiva.

2.6.1 Papel do Educador dentro da Afetividade

Sabemos que o papel do educador é mediar e promover o conhecimento, facilitando assim a aprendizagem através de sua metodologia de ensino; vale lembrar que o ensino é promovido através de uma ação conjunta entre aluno, escola e família, conforme retrata a Figura 7, logo abaixo.

No entanto, sabemos também que ser educador vai muito além; é preciso transmitir conteúdos de uma forma que possibilite a absorção por parte do aluno, criar e cumprir projetos e regras, acompanhar a vivência dos alunos e assim por diante.

De acordo com a pedagoga Dulcelena da Costa Villela, ser professor é uma grande responsabilidade, pois é preciso:

“desenvolver no aluno valores humanos imprescindíveis para a sua boa formação, tais como: disciplina, respeito, capacidade de trabalho, iniciativa, honestidade, cidadania, ética, moral, conhecimento das diferenças individuais, educação para o convívio social, amor, gratidão, humildade, trabalho em grupo ou equipe etc., assim como servir de mediador no processo de desenvolvimento de suas habilidades e competências.” (VILLELA, 2007)



Figura 7 – Ilustração: A Educação Acontece em Conjunto

Fonte: 100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br, 2012.

Assim, fica evidente que o educador acaba auxiliando o aluno em sua própria construção, pois, para que se desenvolva a cooperação, a participação, a interação, o respeito e principalmente o diálogo o professor precisa basear os conteúdos aplicados nos assuntos ligados à moral, à ética, à cidadania, à sociedade, sempre valorizando o conhecimento empírico e despertando no aluno valores e princípios, edificando um ser humano melhor.

O papel do professor que adota a prática afetiva é além de cumprir com suas obrigações e deveres tradicionais, sempre respeitar a individualidade de seus alunos e aceitar o fato de que cada um é cada um, e por isso a estratégia que funciona com determinado aluno pode não surtir em outro, daí a necessidade de uma metodologia flexível, de estratégias diferenciadas e para isso ele precisa conhecer seu aluno:

“O professor precisa estar atento às reações de seus alunos, pois as situações assinaladas anteriormente podem acontecer nas relações interpessoais em sala de aula. Normalmente atitudes inadequadas como gritos, atitudes ríspidas, grosserias, palavrões, empurrões, podem revelar problemas com a auto-estima. Assim, se o professor não tiver sensibilidade para perceber esse problema e disponibilidade para ajudar esse aluno com tais problemas, ele pode sentir-se não merecedor de estima e de consideração.” (BRUST, 2009)

Quando o aluno percebe que está sendo valorizado e respeitado, ele passa a interagir mais com a turma e com o professor, passa a se sentir motivado e torna-se participativo. É óbvio que isso não acontece como um passe de mágica; então cabe ao “professor afetivo” se empenhar, criar e estreitar os vínculos afetivos.

Ser um professor afetivo não significa encher o aluno de mimos, comprá-lo com presentes ou recompensá-lo materialmente por cumprir seu dever; significa estudar o aluno, observá-lo, conhecer sua história de vida, sua estrutura familiar, conhecer os gostos e preferências musicais, por exemplo, e valer-se de todas essas informações para se aproximar dele, atraindo-o para a aula, provando o quanto o estudo é importante e o quanto a indisciplina atrapalha a tudo isso.

O bom professor afetivo, além de dominar o conteúdo, preparar aulas atrativas que permitem a interação, sabe que precisa ser coerente, justo e firme, fazendo com que seu aluno reflita sobre suas ações e as conseqüências que elas

acarretam, o faz reconhecer o quanto as regras são necessárias para o bom convívio, sabe dosar sua autoridade e respeitar seus alunos, sabe motivá-los, e alunos bem amparados emocionalmente e motivados vão longe.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 LOCAL DA PESQUISA

Esta pesquisa se deu no município de Paranaíba, que está localizado no Noroeste do estado do Paraná.

A cidade Paranaíba foi fundada em 1951 a uma altitude de 503 m; é hoje centro de um município de 1 202,4 km² de área, onde vivem 81.595 habitantes (censo 2010), o que dá uma densidade demográfica de 67,88 h/km².

A Figura 8 ilustra a localização do Município de Paranaíba dentro do estado do Paraná.



Figura 8 – Localização Geográfica do Município de Paranaíba
Fonte: Prefeitura Municipal de Paranaíba (2012).

3.2 TIPO DE PESQUISA E TÉCNICAS DE PESQUISA

A realização desta pesquisa, de cunho qualitativo, valeu-se de duas técnicas, a entrevista semi-estruturada e aplicação de questionário direcionado.

Visto que a pesquisa qualitativa possui caráter exploratório, possibilita a livre interação e expressão de opinião dos envolvidos, assim segundo Minayo (1995, p.21-22):

“a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

De acordo com o conceito de Strauss e Corbin (1998, p.10-11) a pesquisa qualitativa é entendida como:

“qualquer tipo de pesquisa que produz descobertas não obtidas por procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, assim como funcionamento organizacional, fenômenos culturais e interações entre as nações (...) e a parte principal da análise é interpretativa.”

Nesse sentido, nota-se que a pesquisa objetivou coletar e analisar informações acerca da indisciplina e afetividade dentro do ambiente escolar.

A entrevista livre se deu através de um roteiro de perguntas destinado apenas ao corpo docente. O ambiente escolhido foi a sala dos professores, por ser um local propício a uma conversa aberta, leve e descontraída; primeiramente o diálogo foi estabelecido, permitindo que os entrevistados discutissem o assunto, sugerissem idéias e apontassem possíveis soluções para o quadro; Minayo (1993, p. 108) define a entrevista como uma: “[...] conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e entrada (pelo entrevistador) em temas igualmente pertinentes com vistas a esse objetivo”.

Em regra, as entrevistas são definidas como estruturadas ou semi-estruturadas, visto que as estruturadas minimizam a possibilidade de debate, discussão, pois contam com respostas pré-determinadas; já a entrevista semi-estruturada, segundo Mucelin (2006, p. 101) é:

“[...] aquela em que o entrevistador (pesquisador) organiza as questões sobre seu objeto de estudo, oferecendo condições para que o entrevistado possa expressar seu ponto de vista sobre a temática, sem que necessariamente tenha que escolher uma resposta pré-elaborada, fechada.”

Segundo Creswell (1998), a pesquisa qualitativa pode ser definida como:

“Um processo de investigação e entendimento baseado em tradições de investigação metodológicas que exploram o problema humano e social. O pesquisador constrói um quadro complexo e holístico, analisa palavras, reporta detalhadamente as visões de informantes e conduz o estudo em um campo natural (CRESWELL, 1998, p. 15)”

Desta forma, a entrevista livre foi a técnica empregada para introduzir o assunto e incentivar as opiniões, as sugestões.

A pesquisa qualitativa permite maior flexibilidade na análise dos dados e para isso os métodos são imprescindíveis, assim defende Silverman (2000):

“Os métodos utilizados exemplificam a crença de que eles podem sustentar um entendimento mais profundo do fenômeno social que os métodos quantitativos.”

Portanto, de acordo com sua finalidade trata-se de uma pesquisa básica, que não esgota o assunto, pois não pretende isto, busca apenas discutir e levar à reflexão; em relação aos objetivos gerais, esta pesquisa classifica-se em exploratória.

3.3 COLETA DOS DADOS

Os dados que estruturam esta pesquisa foram coletados através de entrevista livre com os educadores do Ensino Fundamental da Escola Estadual Curitiba, de Paranaíba – Pr, e aplicação de questionários, que compuseram a pesquisa semi-estruturada, direcionados aos professores (APÊNDICE A) e também aos próprios alunos (APÊNDICE B), não sendo necessária a identificação.

Foi estabelecida uma conversa com os professores, durante apenas quinze minutos, ao longo dessa conversa foram discutidas questões sobre a situação comportamental dos alunos de forma geral, sobre as possíveis causas da indisciplina e também sobre a eficácia da afetividade em combate a esse caos que se tornou a indisciplina escolar. Assim, após diálogo aberto, que caracterizou a entrevista livre (APÊNDICE C), os professores tiveram prazo de sete dias úteis para responder ao questionário, contados a partir do dia da entrega do mesmo, ou seja, 27/08/2012. O mesmo se deu com os alunos, que responderam ao questionário de acordo com a disponibilidade dos professores (seguindo o mesmo prazo, que venceu em 05/09/12), que cederam, gentilmente, para os alunos escolhidos trinta minutos na biblioteca, sob fiscalização da orientadora da escola.

Ambos os questionários foram respondidos individualmente e analisados posteriormente. Essa análise se deu de forma comparativa; estabelecendo, portanto, relação comparativa das respostas de acordo com as disciplinas.

Os dados teóricos foram coletados através de pesquisa, livros, revistas e artigos, que relatam e discutem sobre a afetividade e a indisciplina.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados, tanto através do dialogo propiciado pela entrevista livre, quanto pelos questionários, foram analisados de forma simples, através de uma comparação entre os fatores, apontado pelos professores e alunos envolvidos na pesquisa, que instigam ou inibem a indisciplina e a afetividade

Segundo OLABUENAGA e ISPIZÚA (1989), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessível.

Para tanto, na análise dos dados foi empregada abordagem qualitativa através da Análise de Conteúdo. Essa abordagem é aplicada a discursos extremamente diversificados, pois é definida como conjunto de instrumentos metodológicos mais sutis e em constante aperfeiçoamento. Nesse conjunto de técnicas de Análise de Conteúdo, a técnica mais antiga e mais utilizada é a análise por categorias, funciona por desmembramento do texto em unidades, em categorias, seguindo reagrupamento analógico. Essa categorização é uma operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo analogia, com critérios previamente definidos, segundo Bardin (2000). Essas categorias são reunidas num grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico. Esse agrupamento é em função dos caracteres comuns dos elementos.

Por fim, as respostas recebidas nos questionários foram classificadas, organizadas e analisadas. Assim, foi possível interpretar a situação e sugerir medidas para intermediar e resolver os problemas gerados pela indisciplina através da afetividade, e conseqüentemente, do diálogo e do respeito.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados vieram ao encontro das expectativas e comprovaram o já temido, a maioria dos professores estão despreparados para lidar com a problemática da indisciplina, alguns não sabem como definir a indisciplina e julgam que a afetividade é perda de tempo, eximem-se de sua responsabilidade e culpam a sociedade e a família pela educação de péssima qualidade; os alunos cobram por aulas menos maçantes, por professores menos grosseiros e mais interessados em lecionar. É um quadro complexo, mas vejamos a análise da entrevista e dos questionários aplicados.

A entrevista livre (APÊNDICE C) se deu durante o intervalo das aulas, porque os professores tinham pouca disponibilidade de tempo, assim, o diálogo foi curto, porém objetivo.

Os educadores deixaram claro que estão esgotados, que os alunos não têm noção de respeito e responsabilidade, que a família não comparece à escola e não acompanha o desempenho de seus filhos:

“Família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construir algo e de se complementarem. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada. Mas para que essa adequação ocorra é preciso que haja referências positivas, cuidadores encarregados de estabelecer os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade emocionalmente equilibrada.” (CAPELLATO).

Alegaram também, que os pais, julgam que os professores são os culpados pelo fracasso escolar dos filhos, alegando que o filho não aprende porque o professor não sabe explicar, também que os pais dizem que os filhos não vão bem nos estudos porque os professores acabam marcando seus filhos, como se o professor tivesse “birra” de determinado aluno.

Na verdade, essa entrevista trouxe à tona uma realidade que, infelizmente, já conhecemos.

De fato, com o questionário destinado aos professores (APÊNDICE A) e aos alunos (APÊNDICE B) podemos discutir a respeito de cada temática levantada, de acordo com as respostas obtidas. O questionário dos professores foi composto por oito e dos alunos por nove questões, todas de caráter subjetivo;

4.1 VISÃO DO CORPO DOCENTE

Segundo análise e agrupamento das respostas obtidas, evidenciou-se que os educadores ainda acreditam que a indisciplina é um problema exclusivo da sociedade, onde o aluno com esse tipo de comportamento é classificado como vândalo e egoísta.

Para justificar as falhas da escola e as próprias falhas o corpo docente cita a família e o governo como os principais responsáveis pela indisciplina, e afirmam que o aluno de hoje sofre com a falta de motivação e com a imaturidade em relação a ter respeito e responsabilidades.

Ao serem questionados sobre quais recursos utilizam para contornar a indisciplina e promover o ensino os professores citaram vários argumentos voltados para o estado físico das instalações escolares, mas em momento algum mencionaram o diálogo ou estabelecimento de uma relação afetiva; relataram que muitas vezes recorrem a uma postura histérica e gritos para conseguir a atenção dos alunos; lembrando que calar não resolve nada e gritar evidencia despreparo, falta de liderança e apenas piora a situação, pois os alunos se sentem desafiados.

Quando abriu-se espaço para falar sobre a estrutura familiar, todos aludiram a importância da família no desenvolvimento escolar e social da criança, isso mostra que nossas crianças estão chegando cada vez mais desorientadas e carentes de atenção, amor, motivação e carinho nas escolas. Vejamos uma das falas:

“Os alunos são reflexos de suas casas e assim a família é a base da criança, sem essa base ele cresce desestruturado, frágil; se muitos nem têm atenção e carinho em casa, não poderiam mesmo ter respeito e educação. Como exigir isso deles?” (L.S., 39 anos, PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA)

Direcionando a discussão para a afetividade, alguns professores provaram que conhecem a importância do uso da afetividade dentro da sala de aula, mas isso foi a minoria. O corpo docente se mostrou dividido quanto ao uso e efeito da afetividade; no entanto o tradicionalismo ainda impera, pois professores com esse traço ainda insistem em tratar o aluno indisciplinado com indiferença;

Indagamos sobre a crença na prática afetiva como inibidora da indisciplina e colaboradora do ensino, os professores travaram um sério debate. Mais uma vez o corpo docente se mostrou dividido, alguns acreditam no poder da afetividade e outros, mais descrentes, alegam que este é um problema da sociedade e da família, que o professor já está sobrecarregado, e que por isso não deve tomar parte dessa situação.

Em relação às principais dificuldades que o professor encontra para adotar postura e metodologia afetiva a resposta foi unânime, todos os professores concordaram nesse ponto. No entanto é preciso começar, insistir com a afetividade, nenhuma prática em combate à indisciplina funciona como em um passe de mágicas, é preciso persistência e os resultados aparecerão em longo prazo.

Para finalizar a entrevista e o questionário, os educadores foram estimulados a dar sugestões de como agir com alunos que apresentem problemas comportamentais/indisciplina:

- ter uma conversa pessoal com o aluno-problema em particular;
- conversar com os pais e pedir que orientem seus filhos;
- encaminhar o aluno para a equipe pedagógica;
- deixar que a situação dele se resolva no conselho de classe;
- encaminhar para o psicólogo educacional;

Muitas das sugestões citadas já são acatadas pelas escolas, mas o aluno considerado indisciplinado precisa antes de tudo de respeito e atenção, o professor não deve vê-lo como um problema, mas sim como a oportunidade de testar sua metodologia afetiva e resgatar aquele aluno, trazendo-o para os estudos, envolvendo-o em projetos, promovendo sua interação social.

4.2 VISÃO DO CORPO DISCENTE

De acordo com a observação das respostas dos alunos, constatou-se que eles têm uma noção nítida do que é ser indisciplinado. O problema é que se encontram tão desmotivados e desinteressados pelo ambiente escolar que nada fazem para suavizar a indisciplina e colaborar assim para com a escola.

Ao longo das respostas, os alunos demonstraram que alteram seu comportamento em situações específicas, como por exemplo, quando não “gostam” de determinado professor e quando sentem preguiça e desmotivação em frequentar a escola, em estudar. Mais uma vez a indisciplina acaba sendo uma espécie de medidor que mostra quando algo não vai bem, mede a eficiência da metodologia usada pelo professor. O aluno está desinteressado da escola, por isso é cada vez mais importante a escola, o professor, a família e a sociedade caminharem juntas, para assim entender as necessidades desse aluno e supri-las, tornando o sistema de ensino mais atrativo, mais flexível e dinâmico.

O professor, a sociedade, a família e a escola precisam intervir urgentemente nesse contexto e criar uma consciência nesse aluno, para que ele assuma seu papel de aluno, exerça seus direitos e cumpra seus deveres como tal. A mudança não deve partir apenas do professor, o aluno também precisa ser trabalhado, moldado para receber e expandir a afetividade.

Algumas das crianças revelaram não ter atenção, apoio ou o carinho dos pais ou dos responsáveis. O núcleo familiar já não tem mais apenas a formação tradicional, muitos são criados apenas pelo pai ou pela mãe, outras pelos avós ou demais parentes, mas o importante é que essa criança receba atenção para suprir sua carência, para se sentir importante e não se deixar levar pela indisciplina, pela violência, pelas drogas;

Os pais Seus pais ou responsáveis não comparecem às reuniões e não acompanham o seu desenvolvimento escolar de seus filhos, ou seja, a família moderna se esquia de suas responsabilidades e não mantém uma relação de proximidade com a escola; os filhos sentem isso e passam a ser desmotivados, desinteressados; no final as respostas e soluções são cobradas apenas da escola e do governo, esquecem que a educação começa no lar.

Quando o professor se impõe através do profissionalismo e não do autoritarismo, munido de afetividade e não de rancor, ele consegue estabelecer limites, criar e fazer cumprir regras; consegue trazer o aluno para si, consegue lecionar tranquilamente, mas antes é preciso que percorra o caminho da conquista desse aluno; não é tarefa simples, mas é muito recompensadora.

Alguns professores já demonstram traços afetivos em suas metodologias, mas outros ainda não aceitam a afetividade como solução duradoura para a indisciplina.

Tratar o aluno com indiferença ou à base de gritos não resolve o problema, apenas o complica, e retirá-lo da sala pode até resolver, mas apenas momentaneamente, como tantas outras tentativas de suavizar a indisciplina;

Os alunos estão clamando por respeito e igualdade, querem falar, dar suas opiniões, participarem das decisões, aí está uma ótima oportunidade para o professor propor uma relação participativa e reverter essa história. Segundo alguns comentários obtidos, eles precisam de:

- de professores mais legais e menos rabugentos.
- de respeito entre eles, os colegas e o professor;
- de atenção, precisa ser ouvido também, e não só professor;
- estudar mais;
- de aulas menos cansativas;

O aluno de hoje não é ignorante, ele entende que a educação está mergulhada em fracassos, mas são ainda imaturos para reverter tal situação sozinhos, é por isso que o professor passa a ser tão importante dentro da sala de aula, serve como modelo para esses jovens, serve como norteador.

Na concepção pré-matura, os alunos acreditam que para lidar com problemas comportamentais o professor precisa:

- passar menos matéria no quadro;
- não pedir para trazer o livro e depois passar cópia do livro;

- ter mais paciência;
- não desafiar e nem medir forças com os alunos;
- ser mais atencioso, e não falar ao celular enquanto dá aula;

Na realidade, todas as sugestões são palpáveis; o aluno está no seu amplo direito a exigir uma melhor formação, um ensino de qualidade. O professor precisa aprender que não é enchendo o quadro que ele silenciará a turma, que não é passando cópias e mais cópias do livro didático que ele se vingará, que não medindo força que ele provará sua superioridade, e que falar ao celular durante as aulas é falta de respeito e profissionalismo.

É por isso que o professor fica esgotado, trabalha com o princípio da quantidade e não da qualidade, planeja aulas tediosas, usa o livro didático de forma equivocada, e por isso não consegue prender a atenção dos alunos.

Se a situação continuar da maneira que está, ou piorar, a indisciplina e a evasão escolar dominarão o sistema educacional e teremos cada vez mais formações precárias, que refletirão no futuro da sociedade e, portanto do Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados nesta pesquisa, fica evidente que hoje uma das maiores necessidades da educação é construir um sistema educativo que ultrapasse a proposta tradicional de ensino, que valorize o aluno, bem como a cognição e a afetividade, e que ajude a suavizar a indisciplina e também a evasão escolar.

Para alcançar tal objetivo o trabalho pedagógico precisa ser revisto e tornar-se mais atrativo para os alunos, agregando valores morais e afetivos.

Os docentes devem estar comprometidos com novas idéias e prontos para romper como o tradicionalismo, adotando novas práticas e posturas, estudando seu aluno e empregando a afetividade no processo educativo.

É verdade que o rompimento como tradicionalismo, com aquilo que já se está habituado assusta um pouco, mas é necessário acolher e desenvolver propostas que abordam a interdisciplinares, a interação e a afetividade.

Converter a sala de aula em um ambiente harmonioso, com conteúdos voltados para as emoções é o mesmo que organizar todo o processo de ensino, todavia, de uma forma natural, edificando tanto no educador quanto no educando uma consciência de seu papel, de sua função, de seus direitos e deveres dentro da escola, contribuindo assim para uma formação psíquica e moral sólida.

Após leitura e análise da famosa afetividade e da indesejável indisciplina, conclui-se que mesmo sendo o aluno o principal agente da indisciplina, e que “tradicionalmente, a tendência de resolução deste tipo de problemas baseava-se exclusivamente no isolamento dos alunos identificados, havendo uma generalização desse caso concreto para todos os alunos, independentemente da situação, do professor e da escola (PICADO, 2009)”, as pesquisas provam que são inúmeras as causas e justificativas para este distúrbio comportamental. A indisciplina pode ser desencadeada por questões de personalidade, por problemas emocionais ou psiquiátricos, e assim “neste seguimento passaram a centrar o conhecimento acerca deste problema nas perspectivas dos alunos perturbados, no sentido de ser importante considerar as suas opiniões e anseios (PICADO, 2009).”

É claro que hoje os alunos considerados indisciplinados são tratados com um pouco mais de atenção do que antigamente, pois têm apoio de equipes pedagógicas, são ouvidos por psicóloga e a escola tenta suprir essa carência de acordo com suas condições.

No entanto, todas essas medidas não trazem resultados efetivos, duradouros, muitas dessas resolvem o problema momentaneamente.

Assim a afetividade entra nesse panorama como uma das ferramentas mais eficientes contra a indisciplina e a evasão escolar, surge como uma grande aliada da escola;

É através de uma metodologia voltada para a afetividade que o educador conseguirá estabelecer uma relação de confiança com o educando, e a escola poderá tirar proveito dessa relação, pois quando o aluno visualiza o professor como amigo e não como inimigo ele passa a desenvolver seus conceitos de respeito e responsabilidade, passa a ver o professor como modelo, como exemplo a ser seguido.

A partir dessa relação estreita, o professor é capaz de desvendar seu aluno e entender qual metodologia o ajuda mais, ambos vão se descobrindo e caminhando juntos, de forma que o aluno seja moldado nos princípios ético e morais.

É obvio que o professor sozinho não reverterá todo esse quadro lamentoso no qual se encontra a educação deste país, cabe à família, à escola, à sociedade, ao governo e ao Estado criarem uma política afetiva participativa dentro e fora dos muros das escolas, está na hora do sistema valorizar o aluno, ouvir suas críticas e sugestões, está na hora de exigirmos profissionais qualificados, comprometidos com sua profissão, cientes de seus direitos e cumpridor de seus deveres.

O professor precisa sim ser mais valorizado, ter um salário melhor, mas precisa também desempenhar melhor seu papel, entender sua importância dentro e fora das salas de aula.

Por fim, quando o nosso sistema educacional estiver composto de educadores aptos, conscientes e bem estruturados, fundamentados na cidadania e na afetividade, assim como assim quando a família despertar e perceber que não é mundo que muda a mentalidade dos seus e os converte em marginais e dependentes químicos, mas sim a ausência da estrutura familiar, de carinho e atenção, quando o governo e a sociedade entender o valor do professor, talvez

possamos ter uma educação de qualidade imersa, livre do fantasma da indisciplina, do desgaste físico e mental e da evasão.

REFERÊNCIAS

BEHENCK, Denise Berenice. Educação e afeto, uma ligação necessária. Curso de Especialização em Psicopedagogia. **Revista de Divulgação Técnico-científica do ICPG**, Volume 02, nº 06, 2004.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Universidade estadual de Londrina, Centro De Educação, Comunicação E Artes, 2009.

CAPELLATO, Ivan Roberto. **Educação com afetividade**, Coleção Jovem Voluntário, Escola Solidária. Editora Fundação EDUCAR DPaschoal.

FARIA, Grazyelle Iaccino. **Afetividade na sala de aula: o olhar Wallobiano sobre a relação professor-aluno na educação**. Faculdade Alfredo Nasser Instituto Superior De Educação Curso De Pedagogia, Goiânia, 2010.

KROTH, Lídia Maria. **A Influência Da Afetividade E Socialização Na Escola**. IX Congresso nacional de Educação - POA – RS, 2006.

MARINHO, Eliane de Araujo Resende. **Uma reflexão sobre a indisciplina no ambiente escolar**. IX Congresso nacional de Educação – EDUCERE/PUC-PR.

VILLELA, Dulcelena da Costa. **O Vínculo Afetivo Resolvendo Conflitos De Indisciplina, Estreitando Laços E Gerando Mudanças Para A Aprendizagem**. Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Campus de Engenheiro Coelho, 2007.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

ILUSTRAÇÃO: COMPORTAMENTO INDISCIPLINADO.

Disponível em: <<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

ILUSTRAÇÃO: EDUCADOR AMEDRONTADO PELA INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA.

Disponível em: <<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

ILUSTRAÇÃO: PAPEL DO EDUCADOR.

Disponível em: <<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

ILUSTRAÇÃO: PAPEL DA FAMÍLIA.

Disponível em: <<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

ILUSTRAÇÃO: FALTA DE ESTRUTURA FAMILIAR.

Disponível em: <<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

ILUSTRAÇÃO: VIOLÊNCIA GERADA PELA INDISCIPLINA.

Disponível em: <<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

ILUSTRAÇÃO: QUE A EDUCAÇÃO ACONTECE EM CONJUNTO.

Disponível em: <<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE PARANAÍ

Disponível em: <<http://prefeituramunicipaldeparanavai.com.br>>

Acesso em: 20/10/2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário destinado aos professores

UTFPR – UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

CAMPUS: MEDIANEIRA

AFETIVIDADE: grande aliada da escola no combate à indisciplina

- 01) Defina brevemente o termo indisciplina segundo seu próprio conceito.
- 02) O que caracteriza um aluno como indisciplinado e o que o leva a ser?
- 03) Que recursos você tem usado para contornar a indisciplina e promover o ensino?
- 04) Qual relação existe entre a estrutura familiar e a indisciplina dentro das salas de aula?
- 05) Qual a importância do uso da afetividade dentro da sala de aula?
- 06) Em um breve comentário, você acredita que a afetividade pode inibir a indisciplina e colaborar com o ensino? Por quê?
- 07) Quais as principais dificuldades que o professor encontra para adotar postura e metodologia afetivas?
- 08) Qual sua sugestão para os professores em relação aos alunos que apresentem problemas comportamentais/indisciplina?

APÊNDICE B – Questionário destinado aos alunos

AFETIVIDADE: grande aliada da escola no combate à indisciplina

- 01) Em sua opinião, o que é um (a) aluno (a) indisciplinado (a)?
- 02) Em sua opinião, por que um aluno se comporta de forma indisciplinada?
- 03) Existe algum professor que lhe considere um (a) aluno (a) indisciplinado (a)?
Por quê?
- 04) Você tem atenção, apoio e carinho de sua família?
- 05) Seus pais ou responsáveis comparecem às reuniões e acompanham o seu desenvolvimento escolar?
- 06) Você tem preferência por algum professor? O que te leva a preferir este professor?
- 07) De que forma os alunos indisciplinados geralmente são tratados pelos professores?
- 08) Em sua opinião, o que um aluno precisa para deixar de ser indisciplinado?
- 09) Qual sua sugestão para os professores lidarem com alunos que apresentem problemas comportamentais/indisciplina?

APÊNDICE C – Roteiro de perguntas que norteou a entrevista livre

UTFPR – UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

CAMPUS: MEDIANEIRA

AFETIVIDADE: grande aliada da escola no combate à indisciplina

01) Qual sua opinião sobre o contexto educacional de forma geral?

02) O que vem a ser e a causar a indisciplina dentro da sala de aula e na escola?

03) Por que cada vez mais alunos aderem ao comportamento indisciplinado?

04) Qual a parcela de culpa da família, da escola, dos professores e da sociedade nesse quadro de indisciplina?

05) Quais fatores poderiam ser apontados como principais causadores ou intensificadores da indisciplina?

06) Qual a importância do diálogo principalmente com o aluno indisciplinado?

07) A afetividade pode ser dita como solução para reverter a indisciplina e resgatar alunos?

08) Você emprega afetividade na sua metodologia?